

RESENHA DE *PERSPECTIVES ON RETRANSLATION: IDEOLOGY, PARATEXTS, METHODS*

CRITICAL REVIEW OF PERSPECTIVES ON RETRANSLATION: IDEOLOGY, PARATEXTS, METHODS



Kamila Moreira de OLIVEIRA
Doutoranda
Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Programa de Pós-Graduação em Linguística
Fortaleza, Ceará, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/1874774996171276>
<https://orcid.org/0000-0003-4377-2249>
kamilamdeoliveira@gmail.com

Resumo: Em *Perspectives on Retranslation: Ideology, Paratexts, Methods* (2019), as pesquisadoras Özlem Berk Albachten e Şehnaz Tahir Gürçağlar trazem novas discussões acerca da prática da retradução a partir de uma perspectiva histórica e cultural. Além de apresentar seu próprio projeto em relação à retradução nas sociedades otomana e turca, as organizadoras da obra trazem contribuições de pesquisadores de diferentes países e estudos de caso dos mais diversos gêneros. Ao longo dos capítulos, os pesquisadores nos convidam a considerar os desdobramentos da prática no mercado editorial, na recepção das obras retraduzidas e até mesmo seu papel na história da tradução com a análise de paratextos e da influência de diferentes ideologias, além da apresentação de novos métodos para a análises de tais retraduições.

Palavras-chave: Retradução. História da Retradução. Ideologia. Paratexto.

Abstract: In *Perspectives on Retranslation: Ideology, Paratexts, Methods* (2019), researchers Özlem Berk Albachten and Şehnaz Tahir Gürçağlar offer new discussions on the practice of retranslation from a historical and cultural perspective. In addition to presenting their own project on retranslation in the Ottoman and Turkish societies, the editors bring contributions from researchers from different countries and case studies of the most diverse genres. Throughout the chapters, the researchers invite us to consider the developments of the practice in the publishing market, the reception of retranslated works and even their role in the history of translation with the analysis of paratexts and the influence of different ideologies, besides the discussion of new methods for the analysis of such retranslations.

Keywords: Retranslation. Retranslation History. Ideology. Paratext.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Albachten, Özlem Berk, & Gürçağlar, Şehnaz Tahir (Eds.). (2019). *Perspectives on Retranslation: Ideology, Paratexts, Methods* (Routledge Advances in Translation and Interpreting Studies, 238 p.). Routledge.

A obra *Perspectives on Retranslation: Ideology, Paratexts, Methods*, organizada pelas professoras da Universidade de Bolgaziçi, em Istambul, Özlem Berk Albachten e Şehnaz Tahir Gürçağlar, aborda o tema da retradução em diversos aspectos; desde as primeiras considerações de Antoine Berman (1990), no que ficaria mais tarde conhecido como Hipótese da Retradução, até a emergência de uma possível área de Estudos da Retradução. Para além das pesquisas voltadas para a história da tradução na sociedade turca, Albachten e Gürçağlar se dedicam atualmente ao estudo da retradução sob novas perspectivas, seguindo a mudança de paradigma na área iniciada nos últimos anos.

As discussões acerca da prática da retradução têm passado por uma mudança de foco dentro dos Estudos da Tradução. Como as próprias organizadoras comentam na introdução da obra, desde Berman (1990)¹, a prática vinha sendo discutida basicamente em artigos individuais, até uma maior revitalização do tema nos anos 2010. A partir de projetos mais robustos, como os de Monti e Schnyder (2011) e Cadera e Walsh (2017), as discussões vêm sendo expandidas para além da hipótese da retradução, ou ainda, para uma visão mais abrangente dos seus possíveis desdobramentos. Dessa forma, começamos a não fixar tanto o pensamento em torno de “introdução na cultura-alvo”, no caso da primeira tradução, e de “retorno ao texto-fonte”, no caso da retradução, para começar a considerar, por exemplo, se essa não seria uma característica das fases iniciais de uma literatura e não da tradução de modo geral, como sugerem Paloposki e Koskinen (2004).

Albachten e Gürçağlar, por sua vez, participam de um projeto de historiografia da retradução nas sociedades otomana e turca de porte considerável, e compreendem que a retradução pode servir como base para a análise de vários aspectos da tradução a partir de uma perspectiva histórica e cultural, a partir de um paradigma “melhor representado como uma abordagem em rede que demonstra as interações históricas e sincrônicas entre textos, instituições e agentes”² (2019, p. 2, tradução nossa).

A obra é composta por quatro seções, com onze capítulos no total, além da introdução assinada pelas organizadoras e de uma breve biografia de cada contribuidor. A primeira seção — “*Ideology and Censorship in Retranslation*” — traz três estudos de caso que tocam em questões de “ideologia e censura na retradução em diferentes contextos sociais e culturais” (2019, p. 4, tradução nossa). No primeiro capítulo, “Retranslating Lorca’s ‘Ode to Walt

Whitman’: From Taboo to Totem”, Andrew Walsh analisa dez traduções do poema de Lorca para o inglês e sua recepção ao longo dos anos, considerando o tabu da homossexualidade no sistema literário de língua inglesa em comparação àquele da Espanha. Com uma descrição breve sobre a história do texto, sobre seus tradutores, uma seção de análise e conclusão, Walsh oferece um esquema didático e eficiente para o estudo de retraduições.

Em seguida, em “Retranslating D.H. Lawrence in the 21st Century”, Nathalie Ségeral investiga o caso das duas traduções para o francês de *Women in Love* (1920), obra do autor britânico D.H. Lawrence que tem sofrido censura desde o início da sua publicação, com a omissão do prólogo por alusão à homossexualidade. A obra, que só seria publicada na íntegra em inglês em 1987, segue sem o prólogo traduzido para o francês até hoje. Além dessa questão, Ségeral discute o conceito de fidelidade ao texto-fonte considerado pelos tradutores e até que ponto as traduções são afetadas pelo contexto histórico e pela ideologia do momento em que são realizadas.

A autora demonstra aspectos de domesticação e censura que podem ser examinados na primeira tradução (1932, por Maurice Rancès e Georges Limbour), enquanto a segunda (2000, por Pierre Vitoux) apresenta alguma modernização e ênfase nos trechos considerados subversivos. Ségeral equilibra esses resultados ao refletir que:

Portanto, a tradução pode resultar numa manipulação do texto-fonte, de modo a se adequar à ideologia predominante da época e, por extensão, se tornar uma manipulação do próprio leitor, o que problematiza ainda mais o status da literatura na tradução. No entanto, também é possível argumentar que o ato de traduzir é necessariamente político e, mesmo que a tradução de 1932 de *Women in Love* possa ser acusada de ser infiel ao texto-fonte por censurá-lo, é provável que ela não tivesse sido publicado sem a censura e o corte de trechos controversos. . .³ (2019, p. 39, tradução nossa)

No último capítulo dessa seção, “Retranslating in a Censorial Context: H.C. Armstrong’s *Grey Wolf* in Turkish”, Ceyda Özmen discute as retraduições turcas da biografia de Mustafa Kemal Atatürk, fundador da República da Turquia, escrita por H.C. Armstrong, intitulada *Grey Wolf*. Özmen analisa os posicionamentos dos tradutores em relação aos momentos sociopolíticos vividos no país no período de 1932 a 2001 e o impacto da censura e da ideologia na retradução da obra.

A segunda seção, “Paratextual Studies in Retranslation”, é composta por dois capítulos que exploram os elementos paratextuais das retraduições. Em “Repackaging, Retranslation and Intersemiotic Translation: A Turkish Novel in Greece”, Arzu Eker-Roditakis une o estudo da retradução à tradução intersemiótica ao analisar a introdução da literatura turca na Grécia a partir das adaptações filmicas do romance turco *Güz Sancisi* (1992), de Yılmaz Karakoyunlu.

Em “Extratextual Factors Shaping Preconceptions about Retranslation: Bruno Schulz in English”, Zofia Ziemann analisa qual seria o momento em que uma tradução entra no sistema-alvo, por meio do exemplo de duas retraduições da obra do autor polonês Bruno Schulz para o inglês. Ziemann analisa como as traduções são vistas por leitores, críticos, editores e patrocinadores, levando em consideração material paratextual e extratextual como entrevistas, *blogs* de leitores, discussões em redes sociais e fóruns *online*. O caso das retraduições de Schulz é particularmente interessante pelo fato de uma delas se tratar de uma tradução compartilhada em um *fansite* na internet. O tradutor, John Curran Davis, autopublicou sua tradução em forma de livro em 2016.

4

Em 2018, uma tradução oficial, por Madeleine Levine, também foi lançada. Ziemann discute então o reconhecimento institucional de Levine em comparação com o quase banimento de Davis do sistema literário tendo por base a forma como as suas traduções foram apresentadas para o público leitor. Embora se esperasse que a tradução de Levine fosse mais acadêmica e profissional, a edição foi publicada em *paperback*, sem notas de rodapé, paratexto ou prefácio. A tradução de Davis, ainda que não oficial e não acadêmica, acabou sendo a que incorporou as interpretações mais recentes da crítica.

A terceira seção, “Towards New Objects, Methods and Concepts”, conta com quatro capítulos em que os estudos da retradução aparecem sob um viés mais inovador, com a aplicação de novos métodos. Em “Critical Edition as Retranslation: Mediating ‘Alī Ufuḳī’s Notation Collections (c. 1630-1670)”, por exemplo, Judith I. Haug já se diferencia das outras contribuições ao aplicar os conceitos da tradução e da retradução a uma notação musical em vez de textual. O material, no caso, é formado por notações que datam do século XVII, e marcam um momento isolado do que a autora chama de “transição da arte musical otomana para a escrita”. Haug considera as notações, compiladas entre 1640 e 1675 por ‘Alī Ufuḳī, intérprete do sultão Mehmed IV, como uma primeira tradução da linguagem oral para a escrita musical.

No capítulo “Readers and Retranslation: Transformation in Readers’ Habituses in Turkey From the 1930s to 2010s”, Muge Işıklar Kocak e Ahu Selin Erkul Yağcı discutem “a

percepção dos leitores alvo em relação às retraduições” (2019, p. 130, tradução nossa) e como isso mudou ao longo do tempo na Turquia a partir de cartas de leitores de duas revistas literárias, publicadas entre 1960 e 1977, e de comentários em fóruns e *blogs* entre 2011 e 2017. Com isso, os autores buscam demonstrar a influência do leitor como agente ativo do processo de retradução e a transformação do campo literário durante os períodos mencionados.

Em seguida, aspectos da Hipótese da Retradução são explorados por uma perspectiva alternativa em “Translation Modalities Method in Retranslation Analysis: A Paixão Segundo G. H. in English”. Neste capítulo, Juliet Widman utiliza o método quantitativo de Francis H. Aubert (1998) para analisar duas traduções da obra de Clarice Lispector — a primeira tradução, de 1988, realizada por Ronald W. Sousa, e a retradução, de 2012, realizada por Idra Novey.

Por meio da análise das modalidades de estrangeirização e domesticação mais utilizadas em cada tradução, Widman conclui que ambas as traduções utilizaram bastantes estratégias de tradução literal, mas que a de Sousa apresenta uma porcentagem de domesticação duas vezes maior que a de Novey. Vale ressaltar, também, que uma interpretação qualitativa contextual ainda é necessária para a análise quantitativa dos dados.

Por último, em “Toward an Empirical Methodology for Identifying Plagiarism in Retranslation”, os autores Mehmet Şahin, Derya Duman, Sabri Gurses, Damla Kaleş e David Woolls oferecem um modelo de comparação de retraduições de um mesmo texto-fonte de modo a contribuir com uma metodologia para a identificação de plágio em retraduições. Como enfatizam os autores, os fatores que determinam o plágio em uma retradução são complexos, já que pode não ser tão simples definir a diferença entre uma nova tradução verdadeira e o plágio de uma tradução. Como Şahin et al. colocam,

O plágio na retradução é uma questão multidimensional e tem características distintivas que o tornam mais difícil de detectar e analisar do que o plágio na escrita “original”. Este último pode ser facilmente detectado com a ajuda de um número crescente de programas de software disponíveis online. Uma característica fundamental da retradução é o fato de que diferentes interpretações de um único texto fonte — especialmente de um texto literário — são inerentes à tarefa de tradução.⁴ (2019, p. 166, tradução nossa)

Alguns fatores, segundo Şahin et al., podem ser investigados na identificação de plágio, como o grau de similaridade entre os textos traduzidos, espaço de tempo entre as traduções, a

popularidade do texto fonte e até mesmo o histórico do tradutor — afinal, quando não existe informação nenhuma sobre o tradutor em uma obra ou quando não é possível encontrar nada sobre essa pessoa, os autores levantam a possibilidade de que ela nem sequer exista.

Os dois capítulos da quarta e última seção, “Retranslation History and Bibliographical Studies”, discutem o papel dos dados bibliográficos e do mapeamento da história da retradução. Em “Retranslation History and Its Contribution to Translation History: The Case of Russian-Dutch Retranslation”, Piet Van Poucke dá início à discussão sobre a contribuição dos estudos de retradução à história da tradução. Levando em conta a teoria da retradução proposta por Brownlie (2006) e o argumento de que a retradução leva à canonização de obras estrangeiras no sistema-alvo, Poucke se baseia em retraduições do russo para o holandês para identificar os três principais motivos por trás da demanda de retraduições, que seriam o *status* de cânone da obra ou autor, seu potencial de retorno econômico, e a importância da obra em questões políticas ou ideológicas do momento.

6 As organizadoras Özlem Berk Albachten e Şehnaz Tahir Gürçağlar fecham a obra com “The Making and Reading of a Bibliography of Retranslations”, apresentando uma bibliografia *online* de retraduições publicadas nas sociedades otomana e turca nos últimos 900 anos. As autoras também chamam atenção para a complexidade envolvida na busca de retraduições em bases bibliográficas, já que comumente não há um termo de busca que especifique quando uma tradução é, de fato, uma retradução. Como colocado por Gambier, no entanto, ao buscar diferenciar revisão, adaptação e retradução, apenas esta última “combina a dimensão sociocultural com a dimensão histórica: ela implica em mudanças porque os tempos mudaram” (2020, p. 302). Esses aspectos têm sido o foco dos estudos mais recentes sobre retradução, que, para além dos estudos de caso, enfatizam o caráter não-linear da relação entre o texto-fonte e as suas traduções, e partem de uma perspectiva sistêmica da retradução.

Com todo este leque de análises, *Perspectives on Retranslation* dialoga com os estudos mais recentes acerca da retradução que têm se desenvolvido bastante desde a década de 2010, principalmente a partir de uma perspectiva sistêmica e cultural. Afinal, embora as retraduições de um texto tenham muito a dizer sobre ele em nível micro, elas também têm muito a oferecer para o entendimento do seu contexto de publicação, do seu mercado e da sua recepção, alargando assim as possibilidades de pesquisa para além da aproximação ou não do texto-fonte. Além disso, destacam-se aqui a análise de retraduições fílmicas e musicais, e as contribuições para a história da tradução a partir de uma historiografia da retradução, assim como a sempre

presente discussão sobre os desafios em se definir propriamente o que é retradução e quais são os seus limites.

REFERÊNCIAS

- Albachten, Ö. B., & Gürçağlar, Ş. T. (Eds.). (2019). *Perspectives on Retranslation: Ideology, Paratexts, Methods* (Routledge Advances in Translation and Interpreting Studies, 238 p.). Routledge.
- Aubert, F. H. (1998). Modalidades de Tradução: teoria e resultados. *TradTerm*, 5(1), 99-128. <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49775>
- Berman, A. (1990). La Retraduction comme espace de la traduction. *Palimpsestes*, 4, 1-7. <https://journals.openedition.org/palimpsestes/596>
- Brownlie, S. (2006). Narrative Theory and Retranslation Theory. *Across Languages and Cultures*, 7(2), 145-170.
- Cadera, S. M., & Walsh, A. S. (Eds.). (2017). *Literary Retranslation in Context*. Peter Lang.
- Gambier, Y. (2020, out./dez.). Retradução, retorno e desvio. *Belas Infiéis*, 9(5), 301-310. <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/31480>
- Monti, E., & Schnyder, P. (Eds.). (2011). *Autour de la retraduction*. Orizons.

¹ Artigo também disponível em tradução para o português em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2017v37n2p261>.

² “The paradigm of retranslation that this volume offers is best represented as a network approach that displays the historical and synchronic interactions among texts, institutions, and agents.” (p. 2).

³ “Thus, we can see how translation can result in a manipulation of the source text, in order to suit the prevalent ideology of the time, and, by extension, it can turn into a manipulation of the reader himself, which further problematizes the status of literature in translation. However, one can also argue that the act of translating is bound to be always political, and, even though the 1932 translation of *Women in Love* can be blamed for being unfaithful to the source text by censoring it, it is likely that it could not have been published at all without such censorship and editing out of controversial excerpts [...]” (p. 39).

⁴ “Plagiarism in retranslation is a multidimensional issue and has distinctive features that make it more difficult to detect and analyze than plagiarism in “original” writing. The latter can easily be detected with the help of a growing number of software programs available online. A major feature of retranslation is the fact that different interpretations of a single source text—especially of a literary text—is inherent to the task of translation.” (p. 167).